



O original desta fotografia, que mostra os trabalhadores portugueses da Ball-Bend e suas famílias, por volta de 1928, foi encontrado em Maceda (Ovar) na casa de um dos descendentes da Família Matos do Monte, Murtosa

2 mil milhas, por Indiana e Maryland, para seguir os passos da mãe e dos avós imigrantes



Os meus avós maternos Pedro Porrão e Júlia Cardoso, com mulheres que começaram a trabalhar na cordoaria que montou em Esmoriz depois de regressar da América

Carlos Pais ELIZABETH, NJ

No passado dia 29 de Julho iniciei com a minha irmã Isabel uma jornada pelo interior americano, que me levou a fazer quase 4.000 milhas, 2.000 das quais a procurar em Indiana e Maryland vestígios dos passos de imigrante dos meus avós e da minha mãe.

Foi uma procura da minha própria história de imigrante, que começou no ano de 1910, quando os meus bisavós José e Rosália (Saldidas) do Monte, Murtosa, emigraram para New Jersey, trazendo consi-

go a filha Júlia (minha avó materna) que um dia rumaria a Indiana. Na epopeia emigratória portuguesa, o estado de Indiana e a sua cidade de Mishawaka são um ponto de fixação quase desconhecido.



HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

“Foi com enorme emoção que vi, com os meus próprios olhos, o registo de baptismo da minha mãe na Igreja de Santa Mónica (em Mishawaka) e não consigo explicar o que senti quando encontrei a casa onde ela nasceu...”

À direita, na Biblioteca Pública de Mishawaka, Indiana, depois de longas milhas - de New Jersey a Indiana - para procurar pegadas da mãe e dos avós imigrantes (esq/ dir): a bibliotecária; Lucy Pais (semi-encoberta) e os irmãos Isabel e Carlos Pais (este, o autor do texto que publicamos).



ta a esta cidade, em busca do passado da minha própria família, e pelos retalhos testemunhais que ainda recordamos do meu avô.

Quase perdida a história de imigração dos meus bisavós, o fulcro mais próximo de tudo isto são os meus avós maternos, Pedro Maria da Silva Porrão e Júlia Cardoso (das Saldidas), oriundos do lugar do Monte, Murtosa, e a história deles é a história de todos aqueles que emigraram na altura. Para mera identificação no tempo e na história, o nome de um dos meus bisavós, o célebre arrais Porrão (que nunca emigrou), está estampado nos mais diversos locais da Murtosa e Torreira e diz ou representa algo para a história de todas as famílias daquela área de Portugal.

Ficamos com a consciên-

cont. pag. seg.

Nunca encontramos muitas referências a esta cidade como destino de imigrantes portugueses em terras americanas. Contudo, nos primórdios imigratórios dos anos de 1910 a 1930, Mishawaka foi o destino de muitos portugueses, primariamente oriundos da Murtosa.

No censo americano do ano 2000, 47 residentes de Mishawaka ainda se identificaram como de origem portuguesa. No princípio do século passado, nomes como Porrão, Matos, “Pica-Chouriças”,

Gonçalo do Diabo, Rendeiro, Pachecas, entre outros, passaram a ser lugar-comum pelas ruas daquela cidade. Absolutamente extraordinário!

Esta é a história daquilo que conseguimos compilar com os elementos que recolhemos na nossa recente visi-

Mishawaka, Indiana, segundo o Censo 2000

Condado: St. Joseph

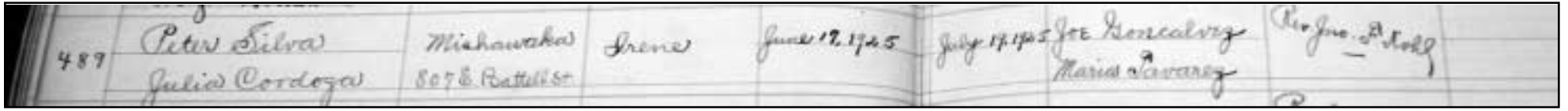
Capital do Condado: South Bend

Habitantes de Mishawaka: 46.796

De origem alemã: 12.725
De origem irlandesa: 6.559
De origem polaca: 4.403
De origem italiana: 2.352
De origem portuguesa: 47



Uma vista aérea do complexo industrial onde estava a Ball-Bend, por volta de 1940/50. Nesta altura já cá também estavam a Uniroyal (pneus), a Singer (máquinas de coser) e a Studebaker (carros).



O livro de baptismos da Igreja de Santa Mônica e onde encontrei o registo de baptismo da minha mãe Irene. No registo acima aparece, por ordem, o nome dos pais (meus avós) Peter (Porrão) Silva e Julia Cardoso; da bebé baptizada Irene (minha mãe), dos padrinhos (Joe Gonçalves e Maria Tavares) e do padre que presidiu ao baptismo. De referir que na altura havia a tendência de "americanizar" os nomes estrangeiros. O meu avô, Pedro, já ficou como Peter, o nome Cardoso da minha avó já ficou com Cardoza, José Gonçalves já ficou como Joe Goncalvez e Maria Tavares já ficou Tavares. De interesse também o facto de ter sido o padre Kohl (o fundador da igreja), quem baptizou a minha mãe.

Foi com enorme emoção que vi, com os meus próprios olhos, o registo de baptismo da minha mãe



Como era a Igreja de Santa Monica no ano de 1925, quando a minha mãe se baptizou...

cont. pag. ant.

cia de que a nossa investigação não foi suficientemente profunda e que, com toda a certeza, muitas outras histórias e factos estão por descobrir. Talvez existam perdidos, no seio das muitas famílias com antepassados que passaram por lá, outros elementos desta história, e que gostaríamos de compilar, pelo que deixamos aqui um desafio para que nos enviem esses retalhos da história inerentes a esta caminhada dos imigran-

tes portugueses até Mishawaka, Indiana. (E-M A I L : carlospais@matiota.com)

O avô: De NY para Maryland

Tal como muitos outros na altura, os meus bisavós, José e Rosália (Saldidas) do Monte, Murtosa, emigraram para a América por volta do ano 1910 e com eles veio a filha Júlia, minha avó materna.

O meu avô materno, filho

do arrais Porrão, ainda de forma ilegal nesta sua primeira vinda, imigrou por volta do ano 1915. Com o navio chegado a Nova Iorque e antes que atracasse na Ellis Island, deu o salto para o barco que esperava todos os ilegais, que o trouxe directamente para a estação do caminho-de-ferro em Jersey City.

Na altura, esta prática, embora conhecida, era consentida pelo governo, dada a enorme necessidade de mão-de-obra nos Estados Unidos.

Sempre a correr para evitar desagradáveis encontros, apanhou o primeiro comboio que o levou até Baltimore, no estado de Maryland, na altura - e ainda hoje - uma das maiores encruzilhadas ferroviárias deste país. Ali arranhou trabalho exactamente nos caminhos-de-ferro, na companhia de alguns companheiros de aventura e muitos chineses, que formavam a maioria dos trabalhadores ferroviários na época.

De imediato iniciou também o seu processo de legalização e passado pouco tempo eram todos imigrantes legais neste país de acolhimento. Contudo, os anos iam passando e não se sentia muito contente com a forma de vida, tendo resolvido regressar a Portugal.

Enquanto reflectia sobre esse rumo fixou-se em Newark, onde necessitou de arranjar quarto. Ora, na altura, os meus bisavós José e Rosália viviam em Newark, New Jersey, onde tinham como fonte suplementar de receita precisamente o aluguer de quartos.

Foi no processo de alugar um quarto para a sua estadia, que Pedro Maria da Silva Porrão cruzou os olhares com uma esbelta moça, que jamais esqueceu. Era a jovem Júlia, a minha futura avó.

O tempo foi decorrendo e, por coincidência, os meus bisavós também resolveram regressar a Portugal e com eles a filha Júlia, a moça com quem o meu avô passou a sonhar. Com ambos em Portugal, o romance concretizou-se e o casamento deu início à minha família mais directa.

América, outra vez: ... Indiana

Já com uma filha (a minha tia Mariana) e com enormes dificuldades financeiras, o meu avô resolveu emigrar novamente para a América, desta



A foto do passaporte da minha avó Júlia Cardoso, que incluía as fotos das filhas menores - Mariana (minha tia, à esquerda) e Irene (minha mãe, ao centro)

vez de uma forma legal, trazendo consigo a esposa e a primeira filha do casal, Mariana.

Aqui se juntou ao seu irmão António e iniciou uma nova etapa na sua vida.

Na altura, os ovos de ouro neste país - mais pela fama do que outra coisa - estavam na indústria da borracha e a companhia que todos referiam era a Ball-Bend em Mishawaka, Indiana.

De espírito agressivo e

cont. pag. seg.



A casa onde nasceu a minha mãe, em 807 E. Battel Street, como consta no registo de baptismo

HISTÓRIAS DA IMIGRAÇÃO

Quando decidiram regressar a Portugal, os meus avós abriram em Esmoriz uma pequena empresa no ramo da cordoaria



Jardim no sítio das fábricas: Hoje, no local onde existiu o complexo industrial de Mishawaka, na margem poente do rio, que foi completamente demolido há quatro anos, existe um bonito parque público.

cont. pag. ant.

aventureiro, o meu avô bem depressa chegou a Mishawaka, por volta do ano 1922, na companhia do irmão e mais alguns imigrantes. Para surpresa sua, quando lá chegou já encontrou um elevado número de portugueses, alguns seus conhecidos da juventude, pelo que a adaptação e a integração foram processos mais ou menos suaves.

O complexo industrial, a Ball-Bend, recebeu-o como empregado e assim permaneceu por lá quase uma vintena de anos.

Na Ball-Bend fabricava-se tudo que tivesse a borracha como componente principal. Sapatos, cuja produção começou em 1886, tecidos laminados com borracha, pneus, etc., etc. Como nota, foi a companhia Ball-Bend que inventou o calçado vulcanizado. Na altura e dentro do mesmo complexo industrial nasceu também a Singer, máquinas do costura, e a Studebaker, marca de automóveis.

A casa onde nasceu a mãe

A minha mãe Irene já foi concebida e nascida na cidade de Mishawaka. Foi com enorme emoção que vi, com os meus próprios olhos, o registo de baptismo da minha mãe na Igreja de Santa Mónica e não consigo explicar o que senti quando encontrei a casa onde ela nasceu.

Na altura uma epidemia de poliomielite alastrava por este país e o meu avô, bem como muitos outros portugueses, optaram por fazer regressar as suas famílias a Portugal para proteger os filhos.

A minha avó, com duas filhas, sendo a mais nova a minha mãe, regressou a Portugal nos finais de 1925.

Sozinho e longe da família, o meu avô não resistiu

muito tempo.

Ainda veio para Newark, onde se encontravam já outros familiares seus, tendo alugado um quarto na Market street. Contudo, as saudades da esposa e filhas falavam mais alto e já com uns trocos no bolso, um novo retorno à pátria foi absolutamente inadiável.

Em Portugal decidiu criar uma empresa de cordoaria, de que a família ainda guarda algumas fotos históricas como a que publicamos.

Mishawaka

Sobre Mishawaka, pensamos que as fotos que aqui deixamos falam mais que as palavras. Algumas coisas sabemos pelas histórias que o meu avô nos contava. Só havia uma padaria na cidade e era lá que toda a gente se encontrava.

A igreja de Santa Mónica, fundada pelo padre Joannis F. Kohl, o mesmo que baptizou a minha mãe, era a igreja que recebia os católicos e os portugueses.

Ao fim de semana a criação de pombos-correios era o passatempo de muitos dos homens e um passeio pelo parque da cidade, durante a tarde, era a forma das famílias

solidificarem os seus laços, já que longas horas de trabalho semanal não permitiam esse convívio.

Mishawaka foi a primeira cidade da América a adoptar leis laborais e a proibir o emprego a imigrantes ilegais.

A primeira delas foi adoptada por volta do ano 1922 e originou a expulsão de imigrantes, alguns deles portugueses, que se deslocaram para New Jersey, Connecticut e Massachusetts.

Na altura, o Condado de St. Joseph, com as cidades de Mishawaka e South Bend, era uma das pérolas americanas no sector industrial e por isso atraiu imigrantes de todas as nacionalidades.

O testemunho desta realidade histórica ainda vive nos 47 residentes de Mishawaka, que tiveram o orgulho de dizer, no censo realizado em 2000, que são de origem portuguesa.

Nos anos 70

Durante um interregno migratório para a América, a família calcorreou caminhos de Angola - em Benguela, Lobito e Caconda - mas o ano de 1970 demarcou o reinício de um novo ciclo migratório

na família, com a vinda da minha irmã Irene (o mesmo nome da minha mãe) para Newark, na companhia de uns primos, já cá residentes.

Só depois do 25 de Abril de 1974 - e com o meu regresso do serviço militar no ultramar - é que foi desencadeado o maior fluxo familiar para os Estados Unidos e somos sete irmãos, dos treze, imigrados e residentes neste país.

O facto de a minha mãe ser cidadã americana, e ter mantido essa situação, facilitou-nos imenso emigrar para a América.

Recordo que decidi emigrar por duas razões. Uma foi política (incompatibilidade com a ditadura das forças da extrema-esquerda) e a outra foi a falta de empregos que havia em Portugal.

Seis meses depois de ter regressado do ultramar e passado à disponibilidade, continuava sem conseguir emprego. Como a minha irmã esta-



A foto do passaporte que o meu avô usou na ida para e regresso de Mishawaka



Quem entrava de comboio do lado oeste, era assim a primeira vista de Mishawaka por volta de 1920...

va em Portugal de férias, a decisão de emigrar foi absolutamente espontânea. Recordo que em duas semanas fiquei com a minha situação regularizada para emigrar legalmente para os Estados Unidos, onde entrei no dia 27 de Dezembro de 1974.

Utilizei para o efeito os serviços consulares americanos no Porto, que hoje já não existem. O processo funcionou da mesma maneira para com os meus restantes irmãos, pelo que nós nunca experimentamos os rigores da imigração clandestina. A minha

mãe Irene ainda é viva e continua a residir em Esmoriz e a ser portadora do seu passaporte americano.

O tal que nos abriu as portas da América e, hoje, nos dá direito a ter um passaporte igual.